

# COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA

## PROJETO DE LEI Nº 5.323-A, DE 2009

*Altera o art. 819 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, para disciplinar a atividade do intérprete de testemunha perante a Justiça do Trabalho.*

**Autor:** Deputado CARLOS BEZERRA

**Relator:** Deputado MARÇAL FILHO

### I - RELATÓRIO

O projeto em epígrafe propõe alterações ao art. 819 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) para tornar obrigatório e gratuito o trabalho prestado pelo intérprete convocado pelo juiz e para considerar falta justificada ao serviço o seu comparecimento em juízo, devidamente atestado pela secretaria da Vara do Trabalho.

Além desta Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC), a proposta foi distribuída à Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público (CTASP), onde, preliminarmente, a matéria foi aprovada, por unanimidade, com Substitutivo.

Esgotado o prazo regimental, a proposição não recebeu qualquer emenda nesta CCJC.

É o relatório.

## II - VOTO DO RELATOR

Cabe à CCJC examinar a proposição sob a ótica da constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa, bem como quanto ao mérito, nos termos dos arts. 54, I, e 32, IV, “a”, e do art. 32, IV, “e”, respectivamente, do Regimento Interno da Câmara dos Deputados.

Preliminarmente, observamos que estão obedecidas as normas constitucionais de admissibilidade cujo exame cabe a esta Comissão, tanto em relação ao projeto original, quanto ao Substitutivo da CTASP, a saber:

- Competência legislativa da União (art. 22, incisos I);
- Atribuição do Congresso Nacional, com posterior pronunciamento do Presidente da República (art. 48); e
- Legitimidade da iniciativa concorrente (art. 61, *caput*).

A matéria deve ser também analisada quanto ao mérito por dispor sobre direito processual. E, nesse aspecto, a questão foi examinada pela CTASP com muita propriedade.

Com efeito, ao propor que o trabalho do intérprete judicial será prestado de forma obrigatória e gratuita, o projeto original viola princípio comezinho da Constituição Federal, que, via de regra, veda o trabalho sem remuneração. Como dito anteriormente, a questão foi abordada minuciosamente na CTASP, razão pela qual pedimos vênias para transcrever parte substancial do Voto elaborado pela nobre relatora naquela Comissão, a Deputada Manuela D’Ávila, que servirá como fundamento para o nosso posicionamento nesta CCJC, *verbis*:

*“A previsão de que o trabalho do intérprete será prestado de forma obrigatória e gratuita não se coaduna com a nossa Constituição Federal, que veda o trabalho sem remuneração. Ali temos garantido ao trabalhador o pagamento de salário mínimo, a irredutibilidade e a proteção do salário, entre outros direitos (art. 7º). Entendimento em sentido contrário caracterizará o enriquecimento ilícito da administração pública,*

*que se aproveitará do serviço prestado de forma impositiva (presta serviço **obrigatório**) sem remunerá-lo devidamente.”*

*O intérprete se insere na categoria de auxiliar da justiça, nos termos estabelecidos no Código de Processo Civil (CPC), arts. 139 e seguintes. Segundo Humberto Theodoro Júnior, os auxiliares podem ser classificados em permanentes e eventuais, sendo os primeiros aqueles que prestam serviço em todo e qualquer processo ajuizado e os segundos, os que atuam quando convocados pelo juízo. Os intérpretes estão enquadrados na segunda categoria, tal qual os peritos, os depositários, o leiloeiro, entre outros. Entre os permanentes, sobressaem os oficiais de justiça.*

*Como fica claro a partir das diferenças acima formuladas, alguns auxiliares atuam em todos os processos indistintamente, fazendo parte, por esse motivo, do quadro de funcionários do Judiciário (auxiliares permanentes). Outros, no entanto, tem atuação esporádica, sendo demandados apenas em circunstâncias específicas, não se justificando a sua inclusão no plano de carreira. Inclui-se nessa segunda hipótese o intérprete judicial.*

*A exemplo dos demais auxiliares eventuais, o intérprete é, na maioria das vezes, alguém que atua na área profissionalmente e que durante anos dedicou-se a aperfeiçoar suas qualidades técnicas. Portanto, uma vez que seja nomeado pelo juiz, não se pode admitir a gratuidade dos serviços prestados por qualquer desses auxiliares, em especial, o intérprete, objeto de atenção do presente projeto. A analogia com os peritos permite-nos trazer à colação acórdão bastante elucidativo sobre a matéria:*

*“HONORÁRIOS PERICIAIS. Os honorários de perito são de responsabilidade da parte que foi vencida nesse ponto da questão. A gratuidade da Justiça não abrange o custo de remuneração dos profissionais, nomeados a atuar como peritos, sobretudo porque, **de conformidade com a Constituição Federal, é vedado o trabalho sem remuneração.**” (Acórdão nº (RO)01656.2002.012.06.00.7 – TRT*

da 6ª R, Rel. Juiz André Genn de Assunção Barros – publicado no DOE de 16 de junho de 2004). (Grifamos).

No mesmo sentido:

“Honorários de Perito - Isenção - Impossibilidade - Ainda que seja deferido o benefício da assistência judiciária, **não se pode incluir entre as despesas isentadas, os valores devidos ao expert, haja vista que este é profissional autônomo, não podendo ser punido com a falta de pagamento pelo trabalho realizado.** O benefício da isenção de custas alcança tão-somente as despesas referentes à prestação jurisdicional do Estado, não incluindo, por óbvio, as despesas decorrentes de serviços prestados por terceiros.” (TRT 15ª R. - Proc. 37465/00 - (11550/02) - 5ª T - Relª Juíza Olga Aida Joaquim Gomieri - DOESP 18.03.2002 - p. 80). (Grifamos).

A título argumentativo, caso se admitisse a atuação gratuita do intérprete, seria o caso de se perguntar o porquê de não estender essa determinação aos demais auxiliares. Por que não tornar gratuito o trabalho executado pelo perito ou pelo leiloeiro sob o mesmo argumento da essencialidade à Justiça?

Veja que os acórdãos transcritos determinam o pagamento dos honorários periciais até mesmo quando se tratar de justiça gratuita. Esse tema, inclusive, já foi objeto de apreciação pelo Conselho Superior da Justiça do Trabalho (CSJT), o que resultou na edição da Resolução nº 35, de 2007, cuja ementa está assim disciplinada:

“Regula, no âmbito da Justiça do Trabalho de Primeiro e Segundo Graus, a responsabilidade pelo pagamento e antecipação de honorários periciais, no caso de concessão à parte do benefício de justiça gratuita.”

Segundo a resolução, os tribunais regionais deverão consignar em seus respectivos orçamentos recursos para o pagamento de honorários periciais, “sempre que à parte sucumbente na pretensão for concedido o benefício da justiça gratuita”.

*Apesar de a Resolução referir-se aos peritos, o CSJT foi instado a manifestar-se quanto ao pagamento de honorários para intérpretes e tradutores, decidindo, por unanimidade, no sentido de que sejam promovidas “as alterações necessárias para uniformizar os valores e procedimentos da Resolução nº 35/2007, estendendo os seus efeitos aos intérpretes e tradutores, bem como estabelecendo limites mínimo e máximo para pagamento dos honorários a serem arbitrados pelo juízo”. A ementa da decisão ficou redigida da seguinte forma:*

**“HONORÁRIOS DE INTÉRPRETES E TRADUTORES. POSSIBILIDADE. ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA GRATUITA.** *Seja o profissional intérprete ou tradutor, ambos podem ser requisitados pelo juízo e investidos como auxiliares, participando dos atos processuais ante a necessidade de fazer com que o magistrado, na condição de destinatário final da mensagem, compreenda o sentido da comunicação das partes ou das testemunhas, ou no sentido de tornar compreensível os documentos redigidos em língua diferente da nacional. Sendo a parte sucumbente beneficiária de justiça gratuita, o ônus do pagamento dos honorários deve ser suportado pela União.”* (Processo nº CSJT-201261/2008-000-00-00.6, rel. Conselheiro João Carlos Ribeiro de Souza, ac. pub. no DEJT de 02/10/2009).

*Destaque-se que esse mesmo entendimento é adotado pela Justiça Federal. Nesse contexto, o Conselho da Justiça Federal editou a Resolução nº 558, de 22 de maio de 2007, que “dispõe sobre o pagamento de honorários de advogados dativos, curadores, peritos, tradutores e intérpretes, em casos de assistência judiciária gratuita, e disciplina os procedimentos relativos ao cadastramento de advogados voluntários e dativos no âmbito da Justiça Federal de primeiro e segundo graus e dos Juizados Especiais Federais.”*

*Tampouco subsiste o argumento de que tornar gratuito o serviço de intérprete confere à matéria tratamento similar ao que é dado ao serviço militar obrigatório e ao serviço eleitoral.*

*Conquanto o serviço militar obrigatório possa ser considerado um munus publico, os conscritos são remunerados de acordo com tabela de vencimentos adotada pelo Ministério da Defesa, não servindo, portanto, de parâmetro. Ressalte-se que o Supremo Tribunal Federal adotou a Súmula Vinculante nº 6 determinando que “não viola a Constituição o estabelecimento de remuneração inferior ao salário mínimo para as praças prestadoras de serviço militar inicial”. A decisão é no sentido de que o inciso IV do art. 7º da Constituição Federal não foi estendido aos praças, o que não quer dizer que não seja devida a eles uma remuneração. Apenas que ela pode ser em valor inferior ao salário mínimo.*

*Já em relação ao serviço eleitoral, não resta dúvida de que ele constitui munus publico, é dever cívico de todos que tenham capacidade eleitoral. Todavia o serviço, nesse caso, é em prol da sociedade, com a finalidade de tornar efetivos os princípios republicanos e federativos.*

*Diferentemente dos mesários, o intérprete judicial visa a atender o interesse do particular que demanda judicialmente quando tem um direito seu violado. Esse o motivo pelo qual a legislação prevê, atualmente, que a parte a quem interessar o depoimento é que suportará o ônus pelas despesas com o intérprete. Assim, também essa hipótese não pode servir de parâmetro para justificar a gratuidade do serviço de intérprete.”*

O parecer da CTASP deixa evidente que a obrigatoriedade de prestação de serviço não remunerada não se harmoniza com o texto da Constituição Federal. Por outro lado, a solução adotada naquela Comissão, com a aprovação do Substitutivo, é bastante razoável, trazendo para o nível legislativo decisão pacificada nos tribunais quanto ao tratamento a ser dado ao pagamento de honorários de peritos, quando o sucumbente é beneficiário da justiça gratuita.

Também não subsiste a intenção da proposta em considerar falta justificada ao serviço o comparecimento do intérprete em juízo.

Mais uma vez a CTASP enfrentou de modo bem consistente a questão, ficando demonstrado que:

a) se o intérprete prestar o serviço na condição de autônomo, não há o que se justificar, diante da ausência de subordinação; e

b) se ele for empregado, a CLT já garante o abono da falta, nos termos do inciso VIII do art. 473.

Diante do exposto, nosso posicionamento é pela constitucionalidade, juridicidade e boa técnica legislativa e, no mérito, pela aprovação do Projeto de Lei nº 5.323-A, de 2009, nos termos do Substitutivo aprovado na Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público.

Sala da Comissão, em                    de                    de 2010.

Deputado MARÇAL FILHO  
Relator